

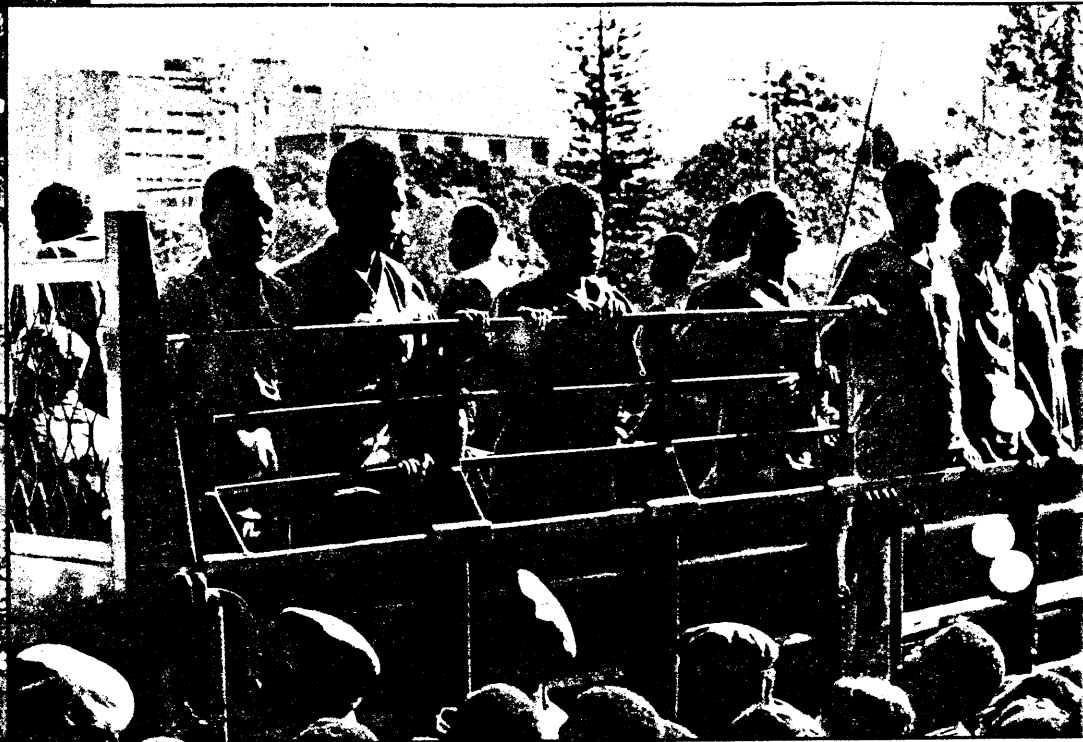


DOSSIER
BANDOS ARMADOS

FORÇAS ARMADAS NÃO DÃO DESCANSO AOS BANDOS ARMADOS

-- Breve retrospectiva da luta contra os BA'S

Ao lado: Eis o que resta daquilo que foi a base dos bandos armados em Garágua. Em baixo: Alguns dos bandidos armados apresentados à população de Maputo durante um comício dirigido pelo Marechal da República.



De há dois anos para cá, as Forças Armadas têm levado a efeito operações de grande envergadura, que culminaram com a destruição de numerosas bases dos bandos armados.

Este trabalho pretende ser uma retrospectiva, se bem que breve, das acções do nosso Exército e um retrato das atitudes de repúdio da população em relação aos bandidos.

Na sua declaração por ocasião do fim do ano de 1982, o Marechal da República afirmava que o ano de 1983 seria de luta generalizada contra os bandidos armados. Assim antes que muito tempo decorresse sobre a declaração, já a Província de Gaza respirava um ambiente de paz.

«OPERAÇÃO CABANA»

Graças, com efeito, ao desencadamento da «Operação Cabana», logo no início do corrente ano, os bandos armados viram-se escorraçados da Província de Gaza. Em poucos meses, as nossas forças destruíram as bases dos bandidos em Macuácuá, Maqueze, Simbiri-

ne, Manjacaze, Maculuve, Manitelane e outras áreas.

Esta operação das nossas forças teve o mérito de desalojar os bandidos armados naquelas regiões e, ao mesmo tempo, bloquear todas as possibilidades de socorro que outros bandos pudessem tentar prover. Foi precisamente o que aconteceu quando, a 25 de Janeiro, um contingente inimigo, vindo de Inhambane, tentou infiltrar-se em Gaza. Todos caíram nas mãos do exército e, na fuga desesperada, deixaram armamento e munições.

A outra particularidade desta operação que permitiu a consolidação da vitória, foi a perseguição que as Forças Armadas encetaram logo após a destruição das bases. A

perseguição que culminou a «Operação Cabana» — como o nome o diz — consistiu em vasculhar todos os sítios onde os bandos acossados se pudessem refugiar, incluindo a busca de casa em casa.

No bloqueio às zonas estratégicas que os bandos armados pretendiam tomar para melhor efectuar os seus ataques, destacou-se a zona de Nalaze, onde as forças nacionais rechaçaram a infiltração inimiga. Dirigida pessoalmente pelo Chefe do Estado-Maior General Tenente-General Sebastião Mabote, a «Operação Cabana», como ele afirmava, não estava isolada de toda uma movimentação que envolve outras províncias afectadas pelos bandos armados.



Armas capturadas aos bandidos armados em Garágua

Esta operação terá sido a principal de envergadura que foi efectuada este ano, mas não constitui o único exemplo do engajamento do exército na luta contra os instrumentos operacionais da África do Sul. Há que recordar a punição exemplar que os bandidos armados tiveram em Garágua, Província de Manica.

O ENVOLVIMENTO DA RAS

A destruição de Garágua, principal centro de coordenação das acções criminosas dos bandidos, que havia sido precedida pelo desmantelamento de uma outra base nas montanhas de Mossurize, foi, sem dúvida, um profundo golpe na estratégia sul-africana de infiltração e instalação de bases no nosso território.

Resultado de um trabalho planificado e coordenado entre todos os ramos da armada permitiu, logo à primeira, destruir o centro de comunicações dos bandos em Garágua, atingir o depósito de armamento e munições. Para além do diverso material destruído pelo fogo da nossa artilharia, foram capturados obuses de morteiro, morteiros, rádios receptores e transmissores RACAL, munições e diverso equipamento de que os bandidos faziam uso.

Na base de Garágua foi, mais uma vez, comprovado o envolvimento da África do Sul nos ataques à soberania da RPM. Entre os documentos apreendidos em

Garágua estava uma acta de um encontro entre delegações dos bandos armados e do governo sul-africano indigitado para estabelecer contactos preliminares relacionados com o reabastecimento de material. Foi num desses encontros que o enviado sul-africano sugeriu a utilização da via marítima para reabastecimento aos bandos armados.

Tal como Garágua, Machaze constituiu outro exemplo de engajamento das nossas forças na perseguição aos bandos armados. Uma vez destruída a base destes em Machaze, o exército encetou acções de perseguição e limpeza a toda a região, o que permitiu reiniciar, em melhores condições, as actividades sócio-económicas das populações na região. Muitas outras acções das nossas forças foram levadas a efeito em diversas regiões do País, sendo resultado disso o facto de os bandidos estarem, neste momento, a empreender acções de desespero.

O TERROR NA ESTRATÉGIA DOS BANDOS

Ameaçados por todos os lados e já sem campo de manobra para as suas actuações os bandos armados não têm tido outra alternativa senão a prática de crimes contra as populações indefesas do campo e aldeias comunais.

Relatos fornecidos pelos numerosos bandos capturados em operações das FAM, ou apanhados iso-

ladamente a assaltar casas da população, assinalam com clareza o medo que os bandidos têm de enfrentar os nossos soldados. Sempre que tenham conhecimento da existência de um quartel, afastam-se o máximo possível e vão roubando bens da população civil e queimando lojas e cantinas.

É o caso do relato fornecido por um bandido recentemente capturado e que foi apresentado, como tantos outros, em Magul. «A primeira coisa que fizemos quando entramos em Moçambique (vindos da África do Sul) foi queimar um marchimombo perto de Massingir. Depois disso, assaltámos lojas, mas sempre evitámos combates com os soldados da Frelimo».

Não é menos hediondo o caso de um bandido que afirma ter incendiado quatro autocarros na província de Inhambane, dois dos quais repletos de passageiros. Nos autocarros terão morrido, no mínimo, cento e doze passageiros, vítimas da sanha de um só bandido.

As populações das províncias onde os bandos armados têm actuado, já nem lojas têm para adquirir géneros de primeira necessidade, porque foram todas queimadas. Os próprios esforços de abastecer as populações em comida têm sido feitos no meio de grandes dificuldades, porque os bandidos roubam os carregamentos e incendeiam os camiões.

As populações são despojadas de todos os seus bens, resultados de

anos de sacrifício e, para cúmulo, são obrigadas a servir de carregadores para os assaltantes. Numerosas cabeças de gado têm sido saqueadas pelos bandos armados, privando as populações da sua única riqueza.

Em tudo isto uma particularidade resalta. É que os bandos armados jamais se quiseram aproximar das nossas forças quando estas surgem.

Mesmo assim, as próprias populações não têm deixado de dar grandes exemplos de patriotismo e heroísmo, ao desafiar os bandos com as poucas armas disponíveis. Esses exemplos encontram-se no dia a dia do camponês, do jovem ou da jovem que ajuda as FAM a descobrir e a destruir uma base dos bandidos.

GRANDE VIGILANCIA POPULAR

Que as populações nada querem contra os bandidos armados, destruidores de bens conseguidos à custa de muitos sacrifícios, é um facto que ficou evidenciado quando elas pediram armas ao dirigen-

te máximo da Revolução Moçambicana, aquando da sua visita às províncias de Gaza e Inhambane.

Como exemplos máis recentes, podemos citar o caso dos bandidos apresentados em Inhambane, a quem a população pediu a pena de morte imediata querendo fazer justiça por suas próprias mãos. Nos princípios deste ano, a população da Macie pediu para linchar um grupo de bandos que andara a semear terror na região, após um julgamento feito em comício.

Em diversos outros comícios, as populações pediram a morte aos bandidos armados. Houve também casos de elementos da população que, sem armas convencionais, perseguiram e capturaram bandidos armados e os entregaram posteriormente às Forças de Defesa e Segurança.

Não se pode deixar de frisar o exemplo dado por um camponês de Gaza que, no espaço de um ano, sofreu três atentados dos bandos armados na sua unidade de produção. «Se os trabalhadores todos estivessem armados, podíamos defender a nossa produção», rematava

Daniel Feijão Manhique ao relatar a sua experiência.

Três vezes foi ferido pelos bandos armados mas isso não o fez vergar, tendo sempre ganho novas forças para voltar ao trabalho. Três jovens de Chibuto deram provas de muita coragem quando conseguiram fugir dos bandos armados e conduzir as FAM a assaltar a base inimiga.

Muitos outros casos verificaram-se entre elementos da população, incluindo alguns que sacrificaram as próprias vidas. Em todos eles destaca-se o repúdio que a população tem aos bandos armados. Os próprios relatos dados por pessoas que tinham sido raptadas pelos bandidos armados, dão verdade o testemunho sobre as barbaridades cometidas contra as populações, bem como ao envolvimento directo da África do Sul na desestabilização do nosso País.

Nesta foto, além do armamento capturado aos bandos, podem-se ver alguns bens que haviam sido roubados às populações entre eles bicicletas

